



FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES E EXPERIÊNCIAS ESTÉTICAS EM AMBIENTES VIRTUAIS

Ana Maria dos Santos (CEDU/UFAL)
ana.maria@cedu.ufal.br

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como finalidade apresentar um relato de experiência sobre vivências estéticas com estudantes do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), no período de pandemia, causada pela COVID-19.

Neste texto, discute-se sobre a relação entre formação cultural, desenvolvimento estético e formação docente, tomando como ponto de partida experiências com fotografia, música, obras e produções de artistas locais, encontradas em diferentes regiões da cidade de Maceió, assim como de fachadas e interiores de equipamentos culturais em funcionamento na capital alagoana.

Para Oswald (2011, p.25), “a experiência estética é aquela que sensibiliza, que emociona [...]. Experimentar algo esteticamente é impregnar-se do mundo físico e social pelos sentidos”.

A literatura na área da formação docente sinaliza para uma escassez relacionada às pesquisas em torno da formação cultural e estética de professores, especialmente no contexto estudado, o que tem me impulsionado a investir esforços nesse campo de investigação.

Nogueira (2012, p.14) considera que, “é fato que a necessidade da formação cultural do professor, embora desfrute de certa unanimidade entre os membros da academia, tem sido um tema pouco desenvolvido em pesquisas [...]”.

Gatti, Barreto e André (2011) expõem que, no Brasil, os próprios professores que atuam na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental são oriundos de camadas sociais menos favorecidas e, conseqüentemente, com menor

capital educacional e cultural, tais condições comprometem, de acordo com as autoras, seu repertório educacional, refletindo em suas práticas com grupos infantis e juvenis.

Pensar a relação entre formação cultural, desenvolvimento estético e formação de professores, implica em conceber quão potentes são as experiências que a arte, de modo geral, propicia na formação dos sujeitos, impregnando suas percepções e modos de ser e de viver de novos sentidos, seja nas relações consigo mesmo, com os outros ou com o mundo e seus artefatos naturais e sociais.

Para Vigotski (2003),

Aqui está a chave para a tarefa mais importante da educação estética: inserir as reações estéticas na própria vida [...]. A casa e o vestiário, a conversa e a leitura, e a maneira de andar, tudo isso pode servir igualmente como o mais nobre material para a elaboração estética (VIGOTSKI, 2003, p. 352).

Entende-se que a experiência estética deve estar presente nos diferentes contextos formativos dos quais os professores participam, isto é, tanto nos cursos de formação inicial como de formação continuada, tendo em vista a pujança que tais experiências podem provocar nas vivências cotidianas de cada indivíduo particular, contribuindo para imprimir no homem as marcas de sua humanidade.

De acordo com Mello e Farias (2010, p.65), se desejamos que as crianças desenvolvam um senso estético, é preciso antes munir professores/as de experiências formativas culturais e estéticas que lhes possibilitem o constante e ininterrupto exercício do sensível, levando-os a assumir esse compromisso com a educação das crianças.

Diante do exposto, é preciso situar o contexto em que a experiência ora relatada assumiu seu lugar. É sabido que o distanciamento social, causado pela pandemia da COVID-19, trouxe consigo diferentes formas de relações, em todas as instâncias da vida e, no campo da educação, assim como nos demais, foi preciso fazer o movimento proposto por Leontiev (2004, p.291) segundo o qual “o movimento da história só é, portanto, possível com a transmissão, às novas gerações, das aquisições da cultura humana, isto é, com educação”.

Assim, o exercício de reaprender a ser professor/a, a ser aluno/a, se tornou uma tarefa inadiável. Foi preciso nos reinventar nessa relação, historicamente marcada pela presença do outro, em que o estabelecimento de vínculos se instituía a partir de corpos presentes – nem sempre em suas inteirezas – mas, não podemos

negar que no dia a dia do fazer pedagógico, encontros ocorriam e se firmavam por meio de olhares, debates, pensamentos concordantes e/ou discordantes, silêncios, pausas, gestos e também através do verbo, realimentando o compromisso político e pedagógico com a docência.

O período pandêmico suscitou dúvidas, incertezas, medo, mas também gerou novas aprendizagens. Os termos “reaprender” e “reinventar” se tornaram comuns nos discursos proferidos pelas pessoas, em todo o planeta, pois, de fato, tivemos que reaprender e reinventar muitas coisas, das mais simples às mais complexas.

Os sentidos da docência sem a presença do outro, dos arranjos materiais, espaciais e relacionais, físicos e geográficos, causaram estranhamento, pelo desconhecido, pelo acontecimento repentino, inesperado e pelo assombro que invadiu mentes, corações e corpos.

Tivemos que nos apropriar de outras espacialidades, outras ambiências, falar das aulas a partir de expressões como encontros “síncronos”, “remotos”, “on-line”, para definir que estaríamos ali, naquele dia, naquela hora e no mesmo espaço, embora pudéssemos estar em lugares distintos e por vezes em fusos horários também diferentes.

Em meio a esse contexto, perpassado por desafios e possibilidades de aprendizagens, a autonomia pedagógica de professores/as precisava ser exercida e respaldada pelos mesmos princípios éticos, estéticos, políticos e pedagógicos que o ofício da profissionalidade requer.

Diante de um cenário de pouca esperança, que favorecia sobremaneira um processo de emudecimento e comportamento recluso, procurei por meio das atividades remotas (síncronas e assíncronas), recorrer a algumas estratégias que rompessem com a ideia de docência envolta em discursos prescritivos, levando estudantes do curso de Pedagogia a vivenciar experiências estéticas que provocassem novas necessidades e desejos, fazendo-os se deixar invadir por movimentos e deslocamentos nos modos de viver aquele período que os/nos levassem a superar a contínua ameaça de morte.

Para Freire (1996) reduzir o processo educativo à mera preparação para a docência é um equívoco, embora a apropriação da técnica seja importante, não é suficiente, é preciso aliar a dimensão técnica da formação às dimensões ética, política

e pedagógica. É nesse movimento formativo que o enfrentamento aos desafios constantes da profissionalidade se constituem e se fortalecem continuamente.

Era preciso desejar sentir a vida pulsando, sentir-se inteiro, em meio ao caos, às ruínas provocadas pelo vírus. Com esse propósito, apresentei ao longo de dois semestres letivos algumas propostas que promovessem o senso estético, ético e poético de futuros pedagogos e pedagogas.

Para isto, o percurso metodológico ocorreu por meio da apresentação de quatro vivências estéticas com a participação em um fórum, aberto no ambiente virtual de aprendizagem (AVA), envolvendo a audição de uma música; do registro de uma narrativa fotográfica pessoal, seguida de um momento de projeção e socialização com o grupo; a exibição de um vídeo clipe, por meio de um fórum no AVA, acompanhado de um exercício de percepção de si mesmo e, por fim, a projeção de registros fotográficos, capturados e apresentados com o intuito de propiciar um re/encontro, o re/conhecimento, a apreciação de obras e produções de artistas locais, encontradas em diferentes pontos turísticos de Maceió, bem como de fachadas e interiores de equipamentos culturais em funcionamento na capital alagoana.

Silva e Zamperetti (2019, p. 527), afirmam que “a experiência estética é singular e subjetiva, não pode ser medida [...], mas pode ser percebida pelos outros através do que impacta/causa em quem vive a experiência, pois altera o estado anterior”.

Neste sentido, novos arranjos precisaram ser acionados, novas formas de interação necessitaram adentrar os encontros semanais com os grupos de estudantes através de plataformas virtuais. O conceito de interação se ampliou significativamente.

2 OBJETIVOS

Objetivo geral:

Apresentar um relato sobre experiências estéticas vivenciadas no interior de uma disciplina por estudantes do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), no período de pandemia.

Objetivos específicos:

- Discutir sobre a emergência de uma educação estética nos cursos de formação docente;
- Refletir acerca das marcas que experiências estéticas docentes imprimem nas relações com as crianças enquanto sujeitos éticos, estéticos e políticos.

3 METODOLOGIA

Devido ao período de isolamento social, as atividades ocorreram remotamente. Os estudantes construíram narrativas fotográficas pessoais, apresentaram-nas em encontros síncronos; participaram de dois fóruns no AVA a partir de uma música e de um vídeo clipe postados; também em um encontro síncrono, puderam re/conhecer e apreciar produções de artistas locais, encontradas em diferentes pontos turísticos de Maceió, bem como de fachadas e de interiores de equipamentos culturais.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Todas as atividades propostas tinham como finalidade desenvolver o senso estético dos estudantes, aguçar a escuta, romper com a banalização do olhar, trabalhando, assim, a dimensão do sensível.

Os registros de cada momento vivenciado, das sensações, percepções e expressões de sentimento, expõem a capacidade criadora e sensível dos estudantes e, deste modo, o engajamento de todos os envolvidos superou os objetivos, anunciados, inicialmente, de forma tímida, tendo em vista se tratar de situações que fugiam ao que estava explicitado nos planos de curso das disciplinas ministradas e trabalhadas paralelamente às leituras e discussões específicas das disciplinas.

Constatou-se que o ambiente virtual de aprendizagem pode se constituir em um espaço potente para a realização das experiências propostas, tendo em vista que a dinâmica empregada propiciou o envolvimento ativo dos estudantes.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo apresentar o relato de experiências estéticas vivenciadas por estudantes do Curso de Pedagogia da UFAL por meio de atividades remotas, no período pandêmico, provocado pela COVID-19.

Compartilhamos da ideia de Almeida (2010), quando assegura a necessidade de tomar como ponto de partida o princípio de que é papel da escola ampliar as experiências culturais e, portanto, estéticas das crianças e jovens, levando-os a acessar formas culturais estranhas ao seu cotidiano e que o caminho possível para que tal proposta prospere consiste em “implementar uma política de formação

profissional que preveja o desenvolvimento cultural e estético do professorado da educação básica” (p.18).

O modo como os estudantes se envolveram nas experiências, leituras e reflexões, sinalizam para a emergência de se contemplar nas grades curriculares dos cursos de formação de professores, em especial, dos Cursos de Pedagogia, espaços efetivamente voltados à formação cultural e ao desenvolvimento estético desses sujeitos, assumindo a mesma importância que os demais componentes curriculares do curso ocupam no contexto da formação acadêmica.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, C. M. de. **Formação Cultural de Professores**. Salto para o Futuro. Brasília: MEC. Ano XX, Boletim 07, jun. 2010, p.14-21.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GATTI, Bernardete Angelina.; BARRETO, Elba Siqueira de Sá.; ANDRÉ, Marli Eliza Damalzo de Afonso. **Políticas docentes no Brasil: um estado da arte**. Brasília: UNESCO, 2011.

LEONTIEV, Alexei. **O desenvolvimento do psiquismo**. 2ª ed. São Paulo: Centauro, 2004.

MELLO, Suely Amaral.; FARIAS, Maria Auxiliadora. A escola como lugar da cultura mais elaborada. **Educação**, Santa Maria, v. 35, n. 1, p. 53-68, jan./abr. 2010 em: <http://www.ufsm.br/revistaeducacao>.

OSWALD, Maria Luiza. Educação pela carne: estesia e processos de criação. In: PASSOS, Mailsa Carlos Pinto; PEREIRA, Rita Ribes (Orgs.). **Educação experiência estética**. Rio de Janeiro: Nau, 2011.

NOGUEIRA, Monique Andries. Educação musical no contexto da indústria cultural: alguns fundamentos para a formação do pedagogo. **Educação**, Santa Maria, v. 37, n. 3, p. 615-626, set./dez. 2012.

SILVA, Andréia Haudt da; ZAMPERETTI, Maristani Polidori. Experiências estéticas na educação infantil: práticas pedagógicas desenhadas pela arte. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**. Rio de Janeiro, V. 5, N.3- pág. 525-550 set-dez de 2019.

VIGOTSKI, Lev Semenovich. **Psicologia Pedagógica**. Porto Alegre: Artmed, 2003.